

“A ADVOGADA QUE VIU DEUS, O DIABO E DEPOIS VOLTOU PARA A TERRA”

Advogados tremei! Em sua segunda estreia de 2011, o G7 dedicou-se a investigar o mundo da advocacia, os tribunais, fóruns, juízes, bacharéis e clientes, até o Exame da Ordem entrou na história. O espetáculo criado em 2003 foi inteiramente reformulado e adaptado para a nova realidade social brasileira, inspirado na participação da mulher de maneira mais preponderante em todas as esferas profissionais, principalmente no mundo jurídico, antigamente uma corporação dominada pelos homens.

A peça conta a aventura que a Dra. Maria Vitória enfrenta após aceitar uma causa extremamente surreal: anular um pacto com o diabo. Em sua jornada para salvar a alma do seu cliente ela passa por um inferno burocrático, similar à primeira instância, estuda para conseguir a carteira da ordem celestial, consegue autorização para entrar no céu e lá consegue absolver Caim da morte de seu irmão antes de enfrentar o próprio Diabo em um embate jurídico de proporções épicas.

Inspirado na lenda de Fausto, tal como foi interpretada por Goethe em seu livro homônimo, o G7 empenhou-se em fazer uma peça divertida, provocadora, com bastante participação da plateia e músicas criadas pelo próprio grupo, seguindo a linha estética da comédia já feita em sucessos como "Manual de Sobrevivência ao Casamento", "Eu Odeio Meu Chefe" e "Como Passar em Concurso Público". Por meio de uma história fluida e cativante, o grupo questiona até que ponto vale a pena dedicar sua vida ao Direito, em detrimento de tempo para a família, o lazer e o amor. Por outro lado, a peça carrega uma forte crítica ao sistema jurídico brasileiro e as implicações sobre o que é justiça.

O processo de criação do texto foi acompanhado de entrevistas com grandes advogados, representantes de alguns dos maiores escritórios do país sediados em Brasília, bem como tivemos a oportunidade de entrevistar ex-ministros do STF, juízes, procuradores e

demais profissionais da área jurídica. Além de ler livros relacionados ao tema e frequentar ambientes típicos da profissão, o G7 tem dois artistas formados em Direito, portanto, os bacharéis: Rodolfo Cordón e Frederico Braga.

"A Advogada que viu Deus, o Diabo e depois voltou para a Terra", o novo espetáculo do G7 que conta a bela e surpreendente história de uma advogada que viu Deus, o Diabo e depois...

Personagens

Abel	Felipe
Advogada	Todos
Arauto 1	Rodolfo
Arauto 2	Felipe
Arauto 3	Fred
Arauto 4	Benetti
Atendente 1	Benetti
Atendente 2	Felipe
Caim	Benetti
Capinha	Benetti
Cordeiro	Plateia
Enfermeiro	Felipe
Rafaelzinho	Felipe
Gabriel	Felipe
Gnomo	Rodolfo
Jesus	Rodolfo
Lobo	Plateia
Mãe	Benetti
Ministro	Fred
Moisés	Felipe
Pai	Fred
Paramédico	Técnico
Rafael	Felipe
Santo Agostinho	Felipe
São Mateus	Fred
São Paulo	Benetti
São Pedro	Rodolfo
Satã	Felipe
Tio Popota	Benetti
Wally	Felipe

Index

Prólogo - Música tema

Artigo 1º - A aceitação da causa

Artigo 2º, inciso I - A 1ª instância

Artigo 3º, parágrafo único - O Exame da Ordem

Artigo 4º, versículo 7 - O Supremo Tribunal Celestial

Artigo 5º, alínea "c" - O Julgamento de Caim

Artigo 6 (meia), inciso 6 (meia), parágrafo 6 (meia) - O Duelo com o Diabo

E no artigo 7º ela descansou - A Volta para Terra

Epílogo - Música tema corrigida

G7 Produções Artísticas LTDA

www.G7comedia.com

Atribuição não comercial. É permitida a distribuição da obra e a montagem do espetáculo sem fins comerciais. Deve ser dado o devido crédito à Cia. de Comédia G7 pelo texto original. O material não pode ser modificado.

Atores - Benetti Mendes, Felipe Gracindo, Frederico Braga e Rodolfo Cordón.

Revisor do texto - Adriano Chaves Valente.

Prólogo: Música-tema

Terceiro sinal. Apagam-se as luzes. Com a cortina ainda fechada, um dos atores vai à frente do palco falar com a plateia. Foco. Entra em cena um homem muito bem vestido com um cachimbo na mão, usando um relógio caro e pasta de couro.

Arauto 1 – Boa noite, senhoras e senhores. O G7 orgulhosamente apresenta seu espetáculo *A Advogada que viu Deus, o Diabo e depois voltou para a Terra*. Divirtam-se bastante, tirem muitas fotos e batam muitas palmas!

A cortina se abre. A cena inicial é bem iluminada, com muitas cores. Os atores cantam a música-tema.

Arauto 1, 2 e 3 –

O Advogado
Que nunca erra!
Viu Deus, o Diabo e depois voltou pra
Terra

Ele é o Sábio
Ele é Sagaz
Competente, ele é um bom rapaz

Imparcial
E destemido
Para todas, ele é o melhor marido.

Formado em Harvard
Mestrado em Oxford
Em sua infância, só comia queijo
Roquefort

Inteligente

E dedicado
Para sua causa, ele é o indicado
O que é impossível
Para ele é normal
É factível, que ele é paranormal

Pausa. Mudança rítmica da música.

Arauto 1, 2 e 3 –

Nunca pegou ninguém na faculdade
Mulheres, ele só via na tevê
O coitado só perdeu a virgindade
Depois que passou na OAB

Sua vida nunca foi um mar de rosas
Mas também nunca passou fome
Hoje tem uma casa financiada
E um escritório no seu nome

Ele usa cuecas
E, abre aspas,
Usa xampu importado anticaspas

Crescente

É masculino
E cordial
Ele até manda um cartão no natal

Arauto 4 – Ei, peraí! Vocês entenderam errado! Não é advogado, é advogada! Não tem cuecas e barba! Nada de queijo roquefort!

Todos saem desanimados, mas, de repente, voltam e terminam o número.

O melhor advogado

Ele quase nunca erra
Viu Deus, o Diabo
E depois... voltou pra Terra

As luzes do palco se apagam e, após pausa para aplausos, inicia-se a próxima cena, que se passa em um cenário de festa infantil.

Prólogo: Festa Infantil

Tio Popota – Boa noite, criançada! Chegou o Tio Popota! Hoje, vamos brincar de pula pirata, corre cutia, acertem o asno e vamos cantar os parabéns para o Rafael! Heeeee! Vamos chamar agora o aniversariante Rafael. Rafael! Rafael! Rafael!

Rafaelzinho – Tio Popota!

Tio Popota – Lero, lero, lero! Vamos brincar, Rafael? Gnomo, traga dois amiguinhos do Rafael!

Gnomo vai até a plateia e escolhe duas pessoas do público para participarem da peça.

Tio Popota – A brincadeira é simples: vocês ficam com a mãozinha para trás e, quando a música parar, correm e sentam na cadeira! Tá Bom? Vamos lá!

Entra a música. A música para. Rafaelzinho esquece de se sentar. Ao final, Tio Popota precisa fazer com que Rafaelzinho ganhe, pois ele é o dono da festa. Em seguida, entrega o prêmio para os dois espectadores que foram levados ao palco para participar da dança das cadeiras.

Tio Popota – Êêêê! O Rafaelzinho ganhou! Gnomo, vai pegar o presente do Rafaelzinho! O que você quer ganhar no seu aniversário?

Rafaelzinho – Eu quero ganhar o tio Popota!

Tio Popota – Você quer me ganhar? Não pode! Você quer um carrinho?

Rafaelzinho – Não, porque a minha mãe falou que carrinho machuca as pessoas.

Tio Popota – Você quer um aviãozinho?

Rafaelzinho – Não. Minha mãe falou que avião machuca as pessoas.

Tio Popota – Então você quer um barquinho?

Rafaelzinho – Não pode. Meu pai falou que barquinho machuca as pessoas.

Tio Popota – O que você quer então?

Rafaelzinho – Seu cara de xixi! Hahahaha.

Rafaelzinho dá um tapa na cabeça do Tio Popota e cai a máscara.

Rafaelzinho – Ah! Eu sabia que você não era o Tio Popota!

Tio Popota – É o quê, moleque? Abaixa a cabeça e fica quieto aí.

Rafaelzinho – Você não é o Popota! Você não é o Popota! Você não é o Popota!

Tio Popota – Baixa a bola, moleque! Cala a boca!

Rafaelzinho começa a chorar.

Rafaelzinho – Eu só queria dar um abraço no tio Popota!

Tio Popota está preocupado com a possibilidade de ser visto pela mãe do garoto fazendo-o chorar.

Tio Popota – Desculpa, menino, chora mais baixo.

Rafaelzinho – Mas você não é o Popota!

Tio Popota – Sou sim, olha!

Tio Popota coloca a máscara.

Tio Popota – Legal, agora vai!

Tio Popota tira a máscara.

Rafaelzinho – Buuáááááá!

Novamente, Rafaelzinho para de chorar quando Tio Popota coloca a máscara e volta a chorar quando Tio Popota tira a máscara. Tio Popota dá um grito estridente.

Rafaelzinho – Mãe, fala pro Adailton trazer o revólver!

Tio Popota coloca a máscara.

Rafaelzinho – Agora sim! Tio Popota cara de xixi!

Rafaelzinho dá outro tapa e sai rindo e falando: cara de xixi! Cara de xixi!

Black out.

Artigo 1º - A aceitação da causa

A cena se inicia em uma suntuosa biblioteca particular ao som da ópera “cavalleria rusticana”, de Pietro Mascagni. O ministro fuma um charuto. Não se sabe se ele está trabalhando, descansando ou meditando. É interrompido pelo som de um telefonema muito alto, que estraga completamente o momento. O ministro para a música e atende ao telefone.

Ministro – A Advogada? Ah, sim. Mande-a entrar.

Advogada – Excelência, afliges-me com vosso reptício abunde. Estava no aniversário do meu filho, saí às pressas, antes mesmo dos parabéns, apenas porque foi um chamado urgente de vossa parte. Que sintomática adversidade abilolou vossa mente com uma preocupação fidedigna?

Ministro – Obrigado pela consideração, doutora. Pode tirar o chapeuzinho de festa. Sente-se.

Advogada – Dr. Jeová Pereira Mente (de vez em quando), estou atormentada com a ausência semântica da significância de minha presença em vossa predilexia. O que se avulta no horizonte de vosso vislumbre, Excelência?

Ministro – Doutora, por favor, menos juridiquês e mais português, vamos?

Advogada – Qual o motivo que me traz aqui tão sem prévia notícia, muito embora encha-me de orgulho e honra, nesta ventura de verão?

Ministro – Doutora, eu estou mal. Sinto aquela vadia escorregadia espreitar-me nos hospitais e consultórios. A maledicente finalmente vinda sem escapatória, a peremptória, a vagabunda de barafunda insolente e malcriada, a criada do cão, do destino, do acaso e de si mesma. A morte.

Advogada – Oh! E como posso ajudá-lo, Excelência?

Ministro – Pois muito bem, dra. Vitória, mandei chama-la aqui porque tenho uma proposta ousada para lhe fazer.

Pausa.

Advogada – Sim, Excelência.

Ministro – Quero que seja minha advogada. Tenho aqui nesta pasta um processo muito especial. Ao aceitar a causa, a doutora vai levar, inicialmente, o dinheiro que está na maleta. Contudo, talvez tenha que abdicar de sua vida, pois creio que este processo irá lhe consumir muito.

Advogada – Ministro, sinto-me orgulhosa em ser a pessoa escolhida por Vossa Excelência. Digo também, de antemão, que estou preparada profissionalmente para a lide.

Ministro – Mas a doutora ainda nem ouviu o que é.

Advogada – Acredito na importância desse processo porque assim o diz Vossa Excelência.

Ministro – Neste ponto, a doutora tem razão. É um processo para lá de importante. Devo enfatizar que pode ser uma viagem sem volta. Mas, se a doutora quiser, pode recusá-lo, sem rugas de ressentimento, e voltar para a festa do seu querido e amado filho. Devo continuar?

Advogada – Excelência, minha vida é o Direito. Se tamanho desafio avulta em meu horizonte, não tenho medo. Antes, fico feliz por ele existir e poder superá-lo. Será uma honra ser sua procuradora.

Ministro – Muito bem dito, doutora. Estou bastante feliz. Um brinde! Gostaria eu de brindar com *scotch*, mas minha saúde não permite. Bebamos café!

Advogada – Não, obrigada.

Ministro – Veja bem: este é um café importado, sem cafeína, que eu trouxe da Arábia Saudita...

Advogada – Mas estou fazendo clareamento nos dentes...

Ministro – Não é possível que fará tal desfeita comigo! Este brinde é a assinatura do nosso contrato!

Advogada – Certo, vou beber um pouco em vossa consideração.

Ministro – Agora, vejo que há esperança.

O ministro começa a tossir bolas de tênis e a morte atravessa o palco, passando atrás de suas costas.

Ministro – Sinto a meretriz hipnótica, imperatriz falseadora da ótica, a tocaiar-me no canto. A sofrida imerecida última partida, ofendida prostituta e algoz do tempo e do destino e do fim de tudo. A morte.

Advogada – Sei. Mas, ministro, estou muito curiosa por saber qual é o ditame.

Ministro – Sim, verdade. Bem, quero que anule este contrato.

Advogada – É um pacto com o Diabo!

Ministro – Sim. Explicar-lhe-ei, doutora. Quando era novo, recém-saído da faculdade, assemelhava-me muito à senhora: era cheio de energia, jovem e ganancioso. Porém, não me importava mais com o mundo. Não me importava mais com nada! Foi quando o Diabo apareceu para mim. Ofereceu-me este contrato, com glórias, dinheiro e poder. Assinei-o, mas me arrependi profundamente. Queria fazer da minha vida um libelo à justiça, à moral e aos valores de nossa sociedade, mas não foi o que aconteceu.

Advogada – Então, Vossa Excelência, aquiescendo intuitivamente que está prestes a deixar este plano existencial, anseia que eu anule o contrato antes de vossa morte para destarte...

Ministro [*completando o que iria dizer a advogada*] – Salvar a minha alma!

Advogada – Vossa Excelência, estou confusa. Como vou fazer para ir ter com o Diabo?

Ministro – Não se preocupe, o café que a doutora tomou já deve estar fazendo efeito.

Advogada – Vossa Excelência...

Ministro – Boa sorte, doutora. Boa sorte e boa viagem. Sinto mais uma vez a presença dela, da fria e gélida rapariga das sombras. A morte.

A morte atravessa o palco mais uma vez enquanto o Ministro fala. Segurando a mão da morte, vai outro ator interpretando a advogada, enquanto a outra advogada permanece deitada no chão. No espetáculo, os quatro atores se revezam no papel de advogada. O ministro sai do palco e apagam-se as luzes.

Artigo 2º, inciso I - A 1ª instância

A cena se inicia com uma música clássica dedicada ao Diabo, tal como Toccata and Fugue in D Minor de J.S. Bach. A estética da cena sugere a intensa burocracia que vige no inferno. Há três repartições públicas diferentes: o Protocolo 1, com foco ao lado esquerdo da plateia; o Protocolo 2, com foco ao centro, e o Protocolo 3, com foco ao lado direito. As luzes estão apagadas e a música transmite tensão. Ouve-se gritos e correntes. Atores e técnicos do teatro se misturam à plateia para assustar as pessoas. A música aumenta e a luz fica vermelha. A advogada entra no palco caminhando perdida. Enquanto a música abaixa, ela se aproxima de uma atendente no fórum do inferno.

Advogada – Bom dia. Quer dizer, agora é dia? Noite? Quem é você?

Atendente 1 – Bom dia.

Advogada – Olá. É dia, então bom dia. Eu estou aqui, e onde estou?

Atendente 1 – Pois não?

Advogada – Minha visão ficou turva, senti um frio gélido percorrer a minha espinha e depois um calor de chamas, vapor quente. De repente, começou a tocar música sertaneja e... [a advogada tem uma revelação repentina] Estou no inferno?

Atendente 1 – Hum. Advogada?

Advogada – Com muito orgulho.

Atendente 1 – É por isso. Existe uma súmula que diz que advogados vem direto para o inferno.

Advogada – Como?

Atendente 1 – É a presunção de culpa.

Advogada – Isso é um absurdo! Eu vim parar direto no inferno sem direito de defesa e [*a advogada vê o contrato em suas mãos e tem uma ideia*] melhor assim, pois preciso anular este contrato com o Diabo. Então, o foro deve ser aqui. Senhorita?

Atendente 1 – Bom dia.

Advogada – Bom dia. Onde estou?

Atendente 1 – Posso lhe ser útil?

Advogada – Pode sim. Onde estou?

Atendente 1 – A senhora está no cartório de distribuição infernal.

Advogada – Justamente onde eu queria estar!

Atendente 1 – Sorte sua.

Advogada – Quero protocolar uma ação para pedir a nulidade deste contrato. É aqui?

Atendente 1 – Sim. É aqui sim.

Advogada – Sim, e como faço? Entrego para você?

Atendente 1 – Entrega. Entrega para mim.

Advogada – Então aqui está.

Atendente 1 – Olha, ele precisa ter antes o carimbo de validade do protocolo de admissão das trevas.

Advogada – Carimbo do protocolo de admissão das trevas, é claro. Mas onde fica isso?

Atendente 1 – Próxima mesa à esquerda.

Advogada – Obrigada, já volto.

Liga o foco 3.

Advogada – Com licença.

Gentil – Olá, senhora. Em que posso ajudá-la?

Advogada – Olá. Aqui é o protocolo de admissão das trevas?

Gentil – Isso mesmo, senhora.

Advogada – Bom, eu queria dar entrada no processo de nulidade deste documento.

Gentil – Pois bem, isso é no cartório de distribuição infernal, não é nossa competência.

Advogada – Eu sei, mas é que estive no cartório de distribuição infernal e me disseram que preciso do carimbo do protocolo de admissão das trevas.

Gentil – Ah. Então você quer o carimbo e não a nulidade do processo?

Advogada – Na verdade, eu quero os dois: primeiro o carimbo e depois a nulidade.

Gentil – A senhora mal chegou aqui e já está pedindo demais, não acha?

Advogada – Isso não é um pedido, só quero que faça o seu trabalho.

Gentil – Agora está sugerindo que eu não faço o meu trabalho?

Advogada – De forma alguma, sr. [*a advogada lê o nome no crachá*]
Gentil. Quero apenas protocolar o processo.

Gentil – Lugar errado! Para protocolar, é no cartório de distribuição infernal.

Advogada – Já entendi. Do senhor, só quero o carimbo, ok?

Gentil – Deixe-me ver. Certo. Olha, doutora, para que eu possa carimbar o seu pedido é necessária a avaliação prévia do órgão pericial do cão.

Advogada – Órgão pericial do cão? Mas onde fica isso?

Gentil – Fica aqui do lado. Tenha um bom dia!

Liga o foco 2.

Advogada – Bom dia.

Atendente 2 – Como assim bom dia?

Advogada – Dia... um cumprimento...

Atendente 2 – Sei que é um cumprimento, mas não é dia.

Advogada – Então boa tarde?

Atendente 2 – Não é tarde, muito menos noite. Aqui é atemporal. Por isso usamos apenas olá.

Advogada – Ótimo. Olá.

Atendente 2 – Olá.

Advogada – Certo. Olha, preciso que o senhor...

Atendente 2 – O que desejas?

Advogada – Bem, eu quero dar entrada no processo de nulidade deste documento.

Atendente 2 – Claro, mas isso não é minha competência, você deve ir...

Advogada – Sei disso, mas...

Atendente 2 – Então, já que sabes, encaminha-te ao cartório de distribuição infernal e deixa-me trabalhar, ora!

Advogada – Fiz isso e eles me disseram que primeiro preciso de um carimbo do protocolo de admissão das trevas.

Atendente 2 – Então você deve ir ao protocolo de admissão das trevas.

Advogada – Eu fui ao protocolo de admissão das trevas e me disseram que eu antes teria que vir aqui.

Atendente 2 – Então você deve vir até aqui.

Advogada – Pois aqui estou.

Atendente 2 – Então, olá.

Silêncio.

Advogada – Eu preciso fazer o que então?

Atendente 2 – Que tal natação. É um ótimo broncodilatador. Três vezes por semana é suficiente.

Advogada – Eu gostaria de dar entrada no processo de nulidade deste documento.

Atendente 2 – Claro! Cartório de distribuição infernal.

Advogada – Mas é que sem o carimbo...

Atendente 2 – Carimbo é no protocolo de admissão das trevas.

Advogada – E a perícia é onde mesmo?

Atendente 2 – A perícia é aqui.

Advogada – Então, eu quero uma perícia.

Atendente 2 – Mas você não quer dar entrada no processo de nulidade do documento?

Advogada – Não! Claro que não! Estava louca, quero só a perícia, só a perícia bem bonitinha do meu documento.

Atendente 2 – E o carimbo do protocolo de admissão das trevas? Não quer mais?

Advogada – Não! A única coisa que quero nesse mundo é a perícia! O senhor pode fazê-la para mim?

Atendente 2 – Claro que posso, se é apenas a perícia que a senhora quer.

Advogada – Só isso.

Atendente 2 – E nada mais?

Advogada – Nada mais.

O atendente pega o documento em mãos.

Atendente 2 – Para que eu possa fazer a perícia, você tem que dar entrada no cartório de distribuição infernal.

Advogada – Não é possível, porque para dar entrada eu preciso do carimbo e para ter o carimbo eu preciso da perícia. Então, como que eu posso dar entrada para ter a perícia se não tenho o carimbo que depende da perícia?

Atendente 2 – Faz sentido.

Advogada – Não faz sentido.

Atendente 2 – Bem-vinda ao inferno.

Advogada – Meu Deus!

Som de trovão, muda a luz no palco e o atendente se treme todo.

Atendente 2 – Precisa apelar?

A postura da advogada demonstra que ela teve uma ideia diabólica.

Advogada – Você gosta daqui?

Atendente 2 – Eu? Claro que não! Mas quem mandou eu não estudar, né?

Advogada – E por que respeita as regras de um lugar que não te respeita?

Atendente 2 – Como assim?

Advogada – Aposto que se você me desse essa perícia o patrão iria ficar orgulhoso da sua maldade em subverter as normas e quem sabe você não ganharia uma promoção?

Atendente 2 – Faz sentido.

Advogada – Vamos, assine logo essa perícia! Ou vai esperar a eternidade para subir na vida?

Atendente 2 – Não sei...

Advogada – Ah, não. Eu morri, estou aqui no inferno, não sei o que vai ser de mim amanhã, sabe? [*A advogada começa a chorar*] Faz tempo que não vou ao cinema, não tem um homem romântico nessa cidade, só trabalho e trabalho. Foi meu cliente quem me deixou nessa enrascada.

Atendente 2 – Ei, não fica assim. Você é bonita. Aliás, o que vai fazer hoje à noite?

Advogada [*Sedutora*] – Podemos conversar sobre isso se você me der a perícia...

Atendente 2 – É. Dane-se as regras! Vou dar um jeitinho. Aqui está a sua perícia, doutora! Ah, como é bom fazer o mal!

Advogada – Muito obrigada. Adeus.

Atendente 2 – Ei, e o jantar?

Desliga-se o foco.

Advogada – Aqui está sua perícia. Cadê o meu carimbo?

Gentil – Isso é impossível! Ninguém nunca conseguiu uma perícia antes.

Gentil carimba o documento.

Gentil – Você é boa, hein? Você é boa, dra. Vitória.

A advogada, exultante com sua vitória, chega ao último foco.

Advogada – Eu quero dar entrada no processo de anulação deste contrato. Aqui está a perícia, aqui está o carimbo e aqui é o local.

Atendente 1 – Bom dia.

Advogada – Bom dia. Aqui está o...

Atendente 1 – Posso lhe ser útil?

Advogada – Ai. Eu quero dar entrada no processo de anulação deste contrato e aqui estão todos os documentos.

A atendente 1 pega os documentos e os analisa detalhadamente um por um, bem lentamente. Então, toca uma sirene

Atendente 1 – Ui, hora do almoço.

Advogada – Por favor, dê entrada antes. Por favor. É só um minutinho.

Atendente 1 – Você está de brincadeira, é? Um minuto é todo o tempo de almoço que temos aqui no inferno.

A atendente 1 coloca um relógio na mesa e sai de cena. A princípio, os segundos se passam normalmente. De repente, começam a andar mais lentos, até quase pararem. Pode-se utilizar a estética de se ficar esperando e passar a ação para a plateia ou a de dar “blackouts” para indicar a passagem de tempo, que somente volta a andar quando a plateia já está exausta de esperar.

Atendente 1 – Ô, inferno! Esse relógio quebrou de novo. Próximo!

Advogada – Sou eu, estou aqui esperando já faz mais de 1 minuto.

Atendente 1 – E está achando ruim? Aqui não é *fast food* não, filha. Cadê a senha?

Advogada – Que senha?

Atendente 1 – Tem aquela fila toda ali na frente, olha.

Acende-se a luz da plateia, para onde aponta a atendente.

Advogada – Mas eu estava aqui antes de você ir almoçar.

Atendente 1 – Estava? Nossa. Não estou lembrada de você, filha.

Advogada – Era eu sim que estava aqui! A senhora me deu bom dia umas dez vezes e perguntou se podia ser útil! Era eu! Eu!

Atendente 1 – Shhiii. Cadê o respeito, filha? Demônio! Dá aqui esse processo, dá.

A atendente 1 analisa os papéis.

Atendente 1 – Olha, não é aqui não, filha.

Advogada – A senhora só pode estar de brincadeira com a minha cara. Como é possível? Está tudo aí: o carimbo, a perícia, o tempo precioso da minha vida que não volta mais...

Atendente 1 – Acontece que o processo é contra o Diabo e ele tem foro privilegiado. Tem que dar entrada no Supremo Tribunal Celestial.

Advogada – E onde fica isso?

Atendente 1 – Lá no céu.

Advogada – E como eu faço para entrar lá?

Atendente 1 – Advogada, né? Advogada para entrar no céu, filha, só se passar no Exame da Ordem Celestial.

Artigo 3º, parágrafo único - O Exame da Ordem Celestial

O cenário remete a uma sala de aula e toca uma música gospel empolgante. Luzes piscando. São Pedro entra pela plateia, conversando com o Público.

São Pedro – Morreu de que, irmão? Atropelamento, né? Dá pra ver pela cara. E você, minha filha, morreu como? É... Tá brabo isso aqui hoje.

Tirando essa moça, só tem gente esquisita. Parece até a rodoviária da Judéia.

São Pedro sobe no palco.

São Pedro – Queridas almas, prezados seres terrenos e alienígenas, caríssimos espíritos evoluídos e, como não tem jeito, vascaínos também. Bacharéis! Todos aqui são capazes de conseguir amanhã a aprovação no Exame da Ordem Celestial, para se tornarem *[retorna a música empolgante]* Advogados da União Celestial! Pode aplaudir, pode aplaudir! Hoje, eu sinto que é um dia bom. É um dia de amor, é um dia de fé, é um dia em que você meu irmão *[pausa]* pode se libertar. Você pode se libertar! Você pode. Você pode. *[pulando freneticamente]* Você pode! Você pode! Digam comigo: Eu posso! Eu posso deixar essa vida de bacharel e me tornar advogado. Digam: eu posso! Eu posso deixar essa vida de estagiário e ter meu próprio escritório. Digam: eu posso! Vocês, queridos, sairão daqui, da primeira instância que é o inferno, e conseguirão advogar em causas nobres! Quem sabe algum de vocês até consiga fazer uma sustentação oral no Supremo Tribunal Celestial. O senhor aí, amigo, qual o seu nome? O senhor tem vontade de fazer uma sustentação oral? Todo mundo tem! Bom, antes do nosso aulão-resumão, antes das nossas dicas que vão garantir sua aprovação, quero que vocês ouçam um depoimento. Gabriel está se formando pela Unifácil do Guará. Ele ainda não passou, mas também não desistiu. Vem pra cá, Gabriel!

Toca uma música emocionante.

Gabriel – Boa noite. Meu nome é Gabriel. Já estou tentando passar no Exame da Ordem Celestial há cinco anos.

São Pedro – Parabéns! O importante é não desistir! Quem sabe o Gabriel não se torna o primeiro advogado do Céu. E pode ser um de vocês também! Mas, Gabriel, conte-nos como é sua vida.

Gabriel – Minha vida? Bem, curso Direito há oito anos e ainda sou [Gabriel se emociona] estagiário. Desculpem, é difícil pra mim. Fico o dia inteiro em um engarrafamento que não acaba nunca. Levo processo pra cá, vou num cartório ali, mas nunca sento na frente do computador para escrever nada. Foi num desses engarrafamentos que rolam ali no eixão às seis da tarde pra quem vai pro Guará, sabe, que resolvi beber. Bebi duas garrafas de tequila sozinho e a mulher que estava ao meu lado, no outro carro, fez amor comigo, pois também estava bêbada. Depois de nove meses no engarrafamento, o bebê nasceu. E você não sabe como é ruim trocar a fralda de um bebê dentro do carro. E fazer todas as necessidades e tomar banho. Um dia, minha mulher me pegou com a mulher do carro da frente. E eu resolvi beber mais. Depois de três anos, o engarrafamento andou e vi que a lentidão era por causa de uma *blitz* do Detran. Fui pego no bafômetro, [Gabriel começa a chorar] fui para a cadeia e lá fui enrabado...

São Pedro [Interrompendo Gabriel] – Certo, certo. Muito obrigado, Gabriel.

Toca uma música animada de aulão-resumão.

São Pedro – Gente, já deu pra entender, não é mesmo? Ninguém quer ser estagiário mais! Digam: eu posso! Então, vamos à revisão! Olha, não sou onisciente como nosso Pai, mas um passarinho verde me contou que vai cair uma questão bem parecida com essa aqui, ó:

Começa a pantomima.

São Pedro – Se você vir uma nota de 100 reais cair do bolso do seu cliente quando ele está saindo do escritório, qual a atitude correta a tomar? (a) guardar a nota rapidamente em sua carteira; (b) pisar a nota, a fim de que ninguém mais a veja, com o objetivo de ocultar das testemunhas o ato de recolhê-la; (c) pegar a nota, chamar o cliente e devolver o seu dinheiro; (d) acusar o cliente de ter lhe roubado 100 reais quando você foi ao banheiro e ameaçar processá-lo por furto e danos

morais no valor de 2.000 UFIRs caso ele não eleve o valor dos honorários acordados previamente em 5%. Qual é a resposta certa? Hein? É a “c”, né, gente? Vamos anotar aí pra ninguém errar. Achou dinheiro que não é seu, devolva! Bem, nosso tempo acabou, mas, como prometido e para o delírio de todos os bacharéis aqui presentes, o trio sertanejo de maior sucesso no limbo, Valparaíso, Belém, Sobradinho e Santa Maria... um salmo de palmas para eles: Pedro, Paulo e Mateus!

Toca a música "Aprova-me".

Pedro, Paulo e Mateus – Não matarei

Só posso defender quem matou
Não furtarei ei rei
Só depois que o processo acabou

Não cobiçarei

Quem tudo quer, acaba sempre sem

nenhum

Não chutarei ei rei
O fator de correção é três por um

Eu quero uma carteira da Ordem
Pra eu fazer carga sem permissão
Eu preciso sair do inferno que é
Aquela repartição.

Eu quero uma carteira da Ordem
Pra poder substabelecer
Pedir pro estagiário
Refazer

Aprova-me
Aprova-me, Senhor

Eu quero ter carteira da Ordem
Pra poder me amostrar

Aprova-me
Aprova-me por favor

A objetiva até que vai
Mas me ajuda na redação, ó pai
A objetiva até que vai
Mas me ajuda na subjetiva
Me dá uma força na redação
Ó pai

Toca uma música sertaneja gospel para fazer o “fade out” da cena anterior. Em seguida, uma música sacra. As luzes se fixam na plateia.

Artigo 4º, versículo 7 - O Supremo Tribunal Celestial

Microcena Inicial

Na microcena inicial, há uma montanha colocada em meio à plateia, onde se encontra Moisés. Das caixas de som, escuta-se a voz grave do narrador dizendo: De acordo com o profeta Mel Brooks, no começo das eras, Deus mandou a Moisés os Mandamentos.

Voz de Deus vinda da caixa de som – Moisés! Aqui estão os meus Mandamentos! Ide e espalhai-vos pelo mundo!

Moisés – Sim, Deus! Povo da Judéia, aqui estão os 20... [Moisés deixa uma das tábuas de pedra cair ao chão e ela se quebra] os 10 mandamentos!

Voz da mulher de Moisés vinda da caixa de som – Moisés, para de beber e volta logo pra casa!

Cena Principal

Música de transição e luzes girando loucamente pelo cenário e pela plateia. A cena principal tem início. A advogada entra no palco tocando seu próprio corpo e tentando entender o que está acontecendo, até parar em um foco.

Advogada – Onde estou? Está frio, mas não sinto frio. Está calor, mas não sinto calor. Estou sem fome, mas sinto fome. Onde estou? Onde está Deus? Onde está o Paraíso? Onde está Wally? Ah, achei! Tá ali! Pega! Pega ele! [*Wally se levanta do meio da plateia e sai correndo*] Ah, ele fugiu. Já faz horas que estou andando e não chego ao fórum deste lugar. Só o que vejo é branco, e branco é só o que vejo. Estou a vagar e a vagar como uma libélula à procura de seu ninho. Pobre, pobre passarinho.

Ao som de “Jesus, alegria dos homens”, coral final da cantata "Herz und Mund und Tat und Leben", de Johann Sebastian Bach, Jesus entra em cena caminhando calmamente com uma túnica branca.

Advogada – Com licença, senhor, aqui são os portões do céu?

Jesus – Certa vez, um guerreiro apareceu ao mestre zen Hakuin e perguntou: – Existem coisas tais como o céu e o inferno? Hakuin, por sua vez, perguntou: – Quem é você? E o guerreiro respondeu: – Eu sou o principal samurai do imperador! Hakuin retrucou: – Você? Um samurai? Com uma cara dessas, você se parece mais com um mendigo. Então, o guerreiro ficou tão bravo que desembainhou a sua espada. De pé, em frente a ele, Hakuin disse calmamente: – Aqui se abrem os portões do inferno. Percebendo a serenidade do mestre, o soldado embainhou a espada e curvou-se. Hakuin disse então: – E aqui, abrem-se os portões do céu.

Advogada – Então aqui são os portões do céu?

Jesus – Sim. $Y = ax^2 + bx + c$.

Advogada – O que é isso?

Jesus – Uma parábola.

Advogada – Ótimo. Preciso falar com Deus.

Jesus – Parai. Falai. Pois Ele também sou eu querida, veja bem, eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Advogada – Opa, peraí, já ouvi essa frase antes. Moacyr Amaral Santos? Primeiras linhas de direito processual civil?

Jesus – Quase. Já passou essa fase. Sou Jesus, aquele cara da cruz.

Advogada – Jesus? Que emoção! Muito prazer! Sou a...

Jesus – Conheço tua história, dra. Vitória. Musa das madeixas de mel, és a primeira advogada do céu!

Advogada – Sou eu!

A advogada tenta apertar a mão de Jesus.

Jesus – Não.

Advogada – Não?

Jesus – As chagas. Elas doem. Em verdade, vos digo: elas doem muito. Vamos direto ao assunto. Vejo que seu tempo é raso, então vamos direto ao caso.

Jesus tira os óculos de leitura.

Jesus – Hum, que mutreta, você tem uma ação contra o Capeta. É isso?

Advogada – Isso mesmo, Vossa Majestade.

Jesus – Certo, mas perceba, vai ser muito difícil citar o réu, ele não mora aqui no céu. Ele é muito escorregadio, muda de endereço a toda hora, parece com os produtores de teatro Brasil afora.

Advogada – Eu confio nos oficiais de justiça do Céu. Com certeza, são excelentes profissionais.

Jesus – É ai que está o problema. No inferno, devemos citar, mandar uma carta precatória para algum juiz de lá. Quando há sorte, essa carta chega. Quando há um milagre, o juiz despacha. Mas normalmente ela se perde e a citação nunca se acha. Os oficiais de justiça do inferno são péssimos. Desculpe ser o arauto de tão triste recado, mas o capeta nunca será citado.

Advogada – Mas, vossa Magnanimidade maior, o senhor é absoluto, é onipresente! Pode citar o réu com a maior facilidade. Basta estalar os dedos e ele estará aqui, certo?

Jesus – Hum. Sou teu amigo. Posso fazer um acordo contigo, desde que sejais justa comigo.

Advogada – Um acordo?

Jesus – Sim pirilim!

Jesus se senta, mas geme de dor.

Advogada – As chagas?

Jesus – Não, hemor... Isso. As chagas. Veja bem, dra. Maria, nome de minha mãe e tia, quero te aproveitar no céu para julgar a primeira causa da história. Tão antiga que quase me foge da memória. Se obtiveres êxito nessa defesa, podeis ter certeza, antes que você diga carrapeta, aqui estará o Capeta.

Advogada – Ótimo. Eu aceito.

Jesus – Pois façais a sua parte, nosso acordo está fechado. Se vencer a causa, o Cão será chamado.

Advogada – Temos um acordo!

A advogada novamente tenta apertar a mão de Jesus.

Jesus – Não!

Advogada – As chagas...

Jesus – As chagas.

Advogada – Certo. Mas, Excelência, qual é mesmo a primeira causa da história?

Black out.

Artigo 5º, alínea "c" - O Julgamento de Caim

A cena se inicia com um "flashback" ao som da música "Sad but true", da banda de heavy metal Metallica, enquanto luzes piscam no palco. A música fica mais agitada e o foco se volta para o público. Entra Abel

esbaforido, correndo pela plateia. É possível ver o medo e o desespero em seus olhos. Ele tropeça, pois já está cansado de correr.

Abel – Calma, Caim! Calma! Sou eu, seu irmão!

Ao ver que suas súplicas não surtem efeito, Abel continua correndo até o palco.

Caim – Eu vou te matar, Abel! Vem cá. Vem cá, seu desgraçado!

Abel – Não, Caim! Calma. Não!

Em seguida, Abel sai de cena.

Caim – Seu desgraçado! Desgraçado! Desgraçado!

Caim está babando de raiva e joga o facão pela coxia. A música para e Abel entra gritando com um enorme facão cravado em seu peito. Vai até a plateia para morrer e Caim o segue para socorrê-lo.

Caim – Eu matei meu irmão. Eu matei meu irmão. Eu matei meu irmão. Não foi culpa minha não. E agora? Vou enterrar ele junto dos meus trigal. Assim, pelo menos vou adubar minhas terra! Oh, ouço passos na escada, vejo a porta abrir. Meu pai vem chegando!

Caim permanece no palco e a voz de Deus vem da caixa de som.

Pai – Huummm... Caim!

Caim – A bença, Pai.

Pai – Estais fazendo o que?

Caim – Capinano, pai, capinano.

Pai – Esforça-te mais, Caim. Abel me disse que tu estás deixando nossa plantação de trigo morrer.

Caim – É não, pai. Tô trabaiano. Acabei de adubá as minhas terra.

Pai – Ótimo. Vistes Abel por aí?

Caim – Oi?

Pai – Abel.

Caim – O que tem?

Pai – Você o viu por aí?

Caim – Não.

Pai – Não? Como não?

Caim – Não vi não, pai.

Pai – O que?

Caim – Não sei.

Pai – Onde está Abel, Caim?

Caim – Não foi eu, pai.

Pai – Onde está Caim, Abel?

Caim – Não foi eu que matou ele, pai!

Pai – Caim, o que fizestes? O sangue de teu irmão clama do solo até mim! E, agora, maldito sejas tu, da parte da terra fértil que abriu sua boca para beber de tua mão o sangue de teu irmão!

Caim – Como é que é? Não, não foi bem assim...

Pai – Errante e fugitivo vagarás pela terra! Vá-te embora do Éden! Agora!

Toca a cantata “Carmina Burana”, de Carl Orff.

Caim – Pai! O que é o Éden? Deixa pelo menos eu falar com a mãe?

Voz chorosa da mãe saída da caixa de som – Filho, tu terás que ir embora. Tu irás embora. O Pai quer. Leva uma maçã, meu fi...

Caim [*interrompendo-a*] – Mas sair do Éden? O que há além do Éden?

O “flashback” se encerra com um “blackout”, seguido de uma luz fraca direcionada ao telão, onde aparecerão imagens relacionadas à narração, que virá da caixa de som com o texto seguinte.

Narrador – Além do Éden existe o Hades. Caim foi expulso. Depois, uniu-se à sua mulher, que concebeu e deu a luz a Henoc. Henoc foi o pai de Irad e Irad gerou Maviael. Maviael gerou Matusael e Matusael gerou Lamec. Lamec tomou duas mulheres para si: o nome da primeira era Ada; o da segunda, Sila. Ada deu à luz a Jabel, o pai dos que habitam as tendas e possuem gado. O nome de seu irmão era Jubal, o pai de todos os tocadores de harpa e flauta. Sila deu à luz Tubalcaim, o artesão de todo instrumento cortante de cobre e ferro. A irmã de Tubalcaim era Noêmia. Noêmia gostava de ler gibis do Tio Patinhas.

Toca a música-tema da série de animação dos estúdios Walt Disney “Ducktales – Os caçadores de Aventuras” e prossegue a narração.

Narrador – Nesses gibis, havia Zezinho, Huguinho e Luisinho, que eram na verdade o mesmo pato, que era o Pato Donald. Pato Donald, na Disney, é o melhor amigo dos sete anões: Chatinho, Espirro, Meleca, Romário, Gimli, Ronquinho e Fissurinha. Eles são os mais queridos das crianças, depois do tio Popota. Mas nada tem a ver com nossa história.

Encerra-se o “flashback” e tem início a cena do julgamento.

Advogada – Mas eu terei que absolver Caim?

Jesus – Exato. Está começando a sessão. Que entre o culpado de antemão. Vamos dar início ao litígio, eu adorava o Topo Gigio. Como membro do *parquet*, chamo para acusar Caim bem direitinho ele: Santo Agostinho!

Enquanto isso, a advogada conversa baixinho com Caim.

Santo Agostinho – Boa noite a todos. Funcionários, pessoas com cabelos e sem cabelos. Deus, Deus, Deus! Quando respiro em Vós um pouco, derramo a minh'alma sobre mim como num cântico de exultação e de louvor, semelhante ao ruído de um festim! Nhá. Este caso já foi amplamente divulgado. A história já é mais do que conhecida. Na norma suprema celestial, os dez mandamentos, em seu artigo 5º está escrito: Não matarás! Não matarás! Qual parte você não entendeu? Caim é culpado. Ele é culpado! Culpado! Culpado! Ele deve permanecer nas profundezas do asco, trancafiado nos invólucros sombrios das mais profundas trevas do inferno. Basicamente, é isso o que eu tinha a dizer.

Jesus – Bom argumento, tenha certeza. Agora vamos ouvir a defesa.

Concomitantemente, Caim fala à sua advogada que se cagou.

Advogada – Boa noite, membros do júri. Boa noite, Juiz Supremo. Gostaria de colocar uma questão de ordem! Digníssimo Senhor Jesus Cristo, Excelentíssimo Juiz deste Tribunal, representante de Deus, o

Onipresente. Prezados senhores e senhoras do júri. Caríssimo cliente. Obnubilado promotor.

Santo Agostinho pega uma lancheira e começa a comer.

Advogada – Senhor... Ele está comendo aqui.

Santo Agostinho – É apenas um lanchinho! Eu tenho hipoglicemia. A senhora pode continuar.

Advogada – Prezados senhores e senhoras do júri. Caríssimo cliente. Antes de iniciar as minhas argumentações, eu gostaria de chamar uma testemunha: o cordeiro.

Santo Agostinho [*gargalhando*] – Contemplai, meu Deus, a tentativa de desvirtuamento pelos lábios daqueles que ainda são meninos e crianças de peito. Gostaria de chamar aqui uma testemunha também: o lobo.

A advogada e Santo Agostinho descem até o público, competindo na escolha, entre pessoas da plateia, de suas testemunhas. Os dois espectadores escolhidos são vestidos com fantasias bem simples de cordeiro e de lobo.

Advogada – Desculpe, Senhor, ele está acanhado. Venha! Venha logo e senta aqui no banquinho. Aqui está, Senhor: o cordeiro. Ele estava lá. Presenciou tudo. Cordeiro, diga-nos o que tu viste. Vá direto ao ponto. Quem está errado na história?

Cordeiro – Abeeelll.

Advogada – Quem? Diga-nos!

Cordeiro – Abeeeeeelll.

Advogada – Eu ainda não ouvi! Quem?

Cordeiro – Já falei que foi Abeeeeeeel, pô.

Santo Agostinho – Lobo, ser vil e mau caráter, deverás dizer a verdade, pois Ele também está dentro de ti.

Advogada – E de ti também.

Santo Agostinho – E de ti também, Caim.

Caim – Não, o meu já saiu.

Santo Agostinho – Quem matou Abel?

Lobo – Caim! Caim!

Santo Agostinho – Quem?

Lobo – Caim! Caim! Caim! Caim!

Santo Agostinho – Eu não ouvi. Quem?

Lobo – Caim! Tá surdo, velho?

Santo Agostinho – Eu vos disse, Senhor! Vê-lo! Caim matou! Caim matou!

Advogada – Questão de ordem, Digníssimo Magnânimo! Por que não ouvimos Caim?

Santo Agostinho – Desde quando a Justiça ouve o réu? Os fatos já nos dizem tudo!

Jesus – Caim, preciso saber, você tem algo a dizer?

Caim – Tenho não.

Advogada – Caim, como a gente combinou!

Caim – Ah, tenho. Tenho sim, Senhor. Eu, Caim Riviere, que matei meu irmão lá na fazenda, tinha um passarinho, um canário, que tava com as asinha quebrada. Todo dia, eu ia lá cuidá dele. Dava comida, dava água. Ele tava recuperano. Ele gostava muito de mim. Um dia, Abel foi até o ninho dele e torceu o pescoço dele. Matou o bichinho. Ficou com os óio esbugaiado e o intestino saino pela boca. Abel tinha ciúme dos animal, porque eu falava com os animal e ele não. Podia vim qualquer animal: cachorro, lagarto, dinossauro. Fiquei muito chatiado. E tudo o que eu queria era sê amado por meu pai. Queria um pouco de carinho, de amor. Nunca tive nada disso. Matei Abel, matei. Mas, na verdade, eu tava matano a mim mesmo também.

Santo Agostinho – Mas só por isso? Um periquitinho à toa?

Caim – Canário! Não é periquitinho não! E num foi só por isso. Abel era o queridinho do pai. Ele fazia tudo pra sê o melhó. Ele colocou muita água nos meu trigal pra tudo murrê. Ele espalhava o rebanho quando eu tava cuidano dele. E tudo o que queria era sê amado por meu pai. Queria um pouco de carinho, de amor. Um playstation do ano, ir na nicolândia e passear de metrô com meu pai. Nunca tive nada disso. Matei Abel, matei. Mas, na verdade, tava matano a mim mesmo também.

Santo Agostinho – Mas isso ele já falou. Vale repetir o texto agora?

Caim – Canário! Não é periquitinho não!

Advogada – Magnânimo, meu cliente está muito chocado. Senhor, tudo o que Deus cria é bom. Conforme tua própria palavra, senhor Meu Deus, não é possível que tenhais criado algo ruim por natureza. O ruim

pressupõe maldade. Caim não é mau, ele não é mau. Você bate em uma face e ele oferece a outra [*a advogada bate na cara de Abel*]. Veja como ele é bonzinho, ele deixa passar as formiguinhas.

Caim deixa passar as formiguinhas.

Caim – Podem passar, formiguinhas.

Advogada – Observe, Senhor, que Santo Agostinho mencionou a tábua dos dez mandamentos, mais especificamente o artigo quinto: não matarás. Contudo, Caim viveu num tempo muito anterior ao de Moisés, época, portanto, em que os mandamentos ainda não haviam sido revelados. Destarte, ele não cometeu nenhum crime, pois, no tempo que viveu, não existia lei que definisse tal crime, a qual surgiu somente depois. É princípio basilar do Direito Penal o de que a lei não retroagirá para prejudicar o réu e, *in casu*, Caim deve ser absolvido, pois não havia tipicidade e, assim sendo, nenhum crime jamais ocorreu.

Começa a tocar “Aleluia”, 42º movimento do oratório “Messias”, de Georg Friedrich Händel.

Advogada – Nas palavras de Mütter Windscheit Pontes de Miranda: “Wenn ihr's nicht fuehlt, ihr werdet's nicht erjagen”. Muito obrigada.

Jesus – A história já foi divulgada. É amplamente sabido, Caim matou Abel. Porém, assim decido: as argumentações da advogada devem prosperar. Caim poderá ficar.

Santo Agostinho – Meu Deus! Não pode ser!

Jesus – Assim será.

Santo Agostinho – Vou recorrer.

Jesus – Ah, é? Pra quem? Pro além?

Santo Agostinho – Me aguardem no julgamento de Judas!

Sai de cena Santo Agostinho. Caim muda de feição.

Caim – Fui bem? A história do passarinho convenceu?

Advogada – Foi ótimo, Caim. Melhor do que havíamos ensaiado.

Caim – Que beleza. E agora?

Advogada – Informar-lhe-ei que dei entrada na petição da vossa defesa! Alegava-se que a prática de ato de agressão física foi injustificada e ofensiva ao direito à integridade física, decorrente de um bem maior que é o direito à vida...

Caim [*interrompendo a advogada*] – Tá falano portugueses? Num tô entendendo nada.

Advogada – Acontece que, após decisão interlocutória acerca da regularidade do prazo de citação, pela constatação da juntada do AR, o juiz finalmente prolatou a sentença no sentido de que...

Caim – Sentença! Isso. O que é que dizia? Eu fui bem? A historinha do passarinho convenceu?

Advogada – Você foi ótimo, Caim! Melhor do que havíamos ensaiado!

Caim – Que beleza. Quer dizer então que vou pro inferno?

Advogada – Não. Você vai para o céu...

Caim – Mas... Cê entendeu tudo errado! Ah não, eu queria ir pro inferno! Ah não! Vou tê que matá mais um agora. Já matei um, mato dois! Nhém!

Caim sai de cena.

Advogada - Pelo visto, nada de honorários para mim.

Jesus – Parabéns, jovem advogada. Na verdade, eu já sabia. Em cumprimento ao nosso acordo, vou atender sua regalia. Já mandei citar o capeta com um querubim especial. Em poucos segundos, ele estará no Tribunal.

Black out.

Artigo 6 (meia), inciso 6 (meia), parágrafo 6 (meia) - O Duelo com o Diabo

A cena se inicia com efeitos cênicos e música de introdução do diabo, que fica mais tensa com a entrada de Satã no palco.

Satã – Quer dizer que agora você faz conchavos com espíritos humanos?

Jesus – Apenas fiz acontecer a Justiça. Aqui, meu filho, nada acaba em pizza.

Entra no palco o capinha, que na verdade é uma mistura de capinha com capetinha. Ele está atrasado.

Capinha – Atenção. Eis que adentra o recinto o príncipe das trevas, o rei das profundezas, o demônio maior. Advogando em causa própria... uma salva de vaias para Satã!

O capinha aponta para a coxia e somente nesse instante percebe que o chefe já havia chegado.

Capinha – Ué, chefe, já está aí? Que coisa.

Satã – Silêncio! [Satã tira o chifre] Guarde isso. Pois que seja. Vamos, doutora, entretenha-me.

Satã se senta em uma bela cadeira que o capinha foi buscar.

Advogada – Senhor Jesus, vou direto ao assunto. Meu cliente foi ludibriado a assinar este contrato malicioso, repleto de cláusulas leoninas.

Satã [*imitando um leão*] – Rrrrrruuuuuuuuuuuuuur!

Advogada – Exijo que seja anulado!

Jesus – Qual o fundamento do seu argumento?

Advogada – O Diabo é um ser evoluído, dispõe de artifícios que o colocam em uma situação de conhecimento superior com quem contratou, utilizando-se de desídia e má-fé, o que enche de vícios a relação contratual e anula-a de todo.

Capinha – Ih, chefe, ela falou tão bonito eu acho que a gente vai perder.

Satã – Shhh. Ah não, peraí Jesus. Você me tira lá do inferno e traz até o céu para discutir contrato? Pô, Jesus, contrato é jurisprudência antiga, isso já foi decidido. Deixa eu ver esse aí! Aqui ó! Este aqui é padrão, é modelo.

Advogada – Acontece que o Diabo, por sua condição astral superior, prejudicou o juízo do meu cliente.

Satã – Condição astral superior? Doutora, somos todos iguais perante Deus.

Advogada – Mas o doutor, com a força mística que lhe foi dada, coagiu meu cliente a assinar o contrato. Coação é anulação de pronto do instrumento.

Satã – Eu não posso interferir no livre arbítrio. Inclusive, isso está escrito na jurisprudência. A doutora não leu a jurisprudência? Ou melhor, a doutora é formada onde? Jesus, sério, estou perdendo o meu tempo aqui. Tenho mais o que fazer.

Jesus – É verdade. Não importa a idade, todos os dias podemos escolher entre fazer ou não fazer. E, por essa razão, minha opinião é pela improcedência da ação.

Advogada – Espere, Vossa Excelência. O meu cliente, lá na terra, é um grande ministro. Um ser que exibe no elevado degrau de sua história o galardão de ser um homem da Justiça, na mais alta Corte.

Satã – Protesto! O seu cliente é um juiz perverso e insensível, que faz uso do Direito, mas nunca aplicou a verdadeira Justiça! Jeová Pereira Mente (de vez em quando) nunca se preocupou com a dor e com o sofrimento dos humildes que procuram os tribunais. Seu cliente dedicou a vida ao uso cego e insensível da lei, esquecendo-se de promover a bondade e a paz social. E tenho aqui todas as suas sentenças para provar! O seu amor é pela letra fria da lei, não é pelo próximo ou pelo injustiçado.

Pausa.

Satã [*falando baixinho para sim mesmo*] – Sem contar o tanto de bandido que soltou...

Jesus – O capiroto tem razão! As decisões por si próprias falarão. O ministro Jeová Pereira Mente (de vez em quando) vendeu sua alma porque quis, pois tem livre arbítrio para ser feliz. Viveu a vida cego à dor dos que pouca coisa tem para dispor. Por isso, o condeno à danação eterna no fogo inapagável que o inferno governa...

Advogada – Espere, Excelência! Antes do seu veredicto, gostaria de chamar a última testemunha: seu amor de juventude, falecida em seus braços na mais tenra idade, sua amada Beatriz Portinari, que convive com Vossa Divindade no reino dos céus!

Beatriz Portinari entra em cena com uma vestimenta angelical.

Beatriz – Meu Senhor, peço licença para falar direto ao seu coração, pois a língua dos tribunais eu não domino. Só posso dizer que conheci Jeová Pereira Mente (de vez em quando) ainda garoto, o jovem doce e companheiro por quem me apaixonei. Se ele se transformou nessa pessoa fria, infeliz e amarga, a culpa é minha, pois o fiz assim ao morrer em seus braços. Desde então, ele mudou. A dor da saudade o mudou. Seu coração se transformou e embruteceu. E sua alma, que me entregou tão completamente quando juramos um ao outro o amor eterno, tornou-se escura.

Advogada – Veja bem, Tribunal Celestial. Ouçam o que disse a testemunha. Em tenra idade, vivendo seu primeiro e verdadeiro amor, meu cliente fez uma jura sagrada com Beatriz: a ela entregou sua alma e ela também entregou sua alma a ele, por toda a eternidade. Vejam o poema que meu cliente compôs para ela, prova incontestável de sua alegação.

Mostra o papel e lê o poema.

Beatriz, querida.

Sou teu.

Tu és minha.

*Não só de corpo.
Mas de Alma
Menina.*

Advogada – O contrato celebrado com Satã é nulo, completamente nulo, pois a alma do meu cliente não mais lhe pertencia quando realizado o acordo, pertencia a Beatriz. Dela, portanto, não poderia dispor.

“Aleluia”, de Händel, toca novamente.

Advogada – Nas palavras de Rudolf Wincheste Miguel Reale: “Kann Euch nicht eben ganz verstehen”. Muito obrigada.

Jesus – Bem, vou falar o veredicto, assim decido: as argumentações da doutora devem prosperar, no céu o ministro poderá ficar.

Satã – Inferno! Me aguarde no caso de Judas!

Jesus [*voltando-se à advogada*] – Doutora, a senhora abdicou da sua família pelo trabalho. Fugiu das relações pessoais como vampiro foge do alho. Deixou sua mãe, seu pai e seu filho por esse pleito. Abandonou tudo pelo Direito. Está exatamente onde sempre quis. Conquistou glória e fama, está feliz?

Advogada – Não, Jesus. Percebo que não há mais o que fazer. Ganhei todas as causas, todos os títulos... e agora?

Jesus – Agora? Muitas causas mais! Temos o caso Judas e todo o processo bíblico. A senhora não vai precisar fazer bico.

Advogada – Jesus, eu não quero. Cheguei até aqui e não posso mais. Quero voltar, quero ver minha família. Ela é a coisa mais importante para mim!

Jesus – Como sou um cara gente boa, vou te ajudar. Vamos ver o que vais fazer com a segunda chance que irei lhe dar.

Black out.

Cena de transição: muda a luz no palco e a advogada volta a entrar no corpo que estava deitado.

E no 7º artigo ela descansou - A volta para Terra

A advogada está novamente na biblioteca do ministro, sendo ressuscitada com eletrochoques por um paramédico, enquanto o enfermeiro Giovani, ao seu lado, fiscaliza o equipamento.

Paramédico – Um, dois, três, vai! Um, dois, três, vai! Não está funcionando. Giovani, eu acho que você terá que fazer o boca-a-boca.

Giovani imediatamente saca uma máscara de respiração.

Paramédico – Ótimo, você trouxe uma máscara de respiração artificial, mas o coração ainda está parado. Giovani, rápido, faça uma massagem nas minhas costas, estou tenso. Sabe Giovani, desde quando eu te vi, sempre achei que nascemos um para o outro. Eu precisava te dizer que... [som no aparelho] O coração dela voltou a bater. Rápido, tire as calças!

Advogada – O que aconteceu? Eu morri? Nossa, eu vi Deus, o Diabo e depois...

O ministro entra em cena e a interrompe.

Ministro – Ah, que bom que você voltou para a Terra, doutora! Já estava ficando preocupado. Podem ir, obrigado.

Médico – Giovani, rápido, vai na frente que eu vou logo atrás de você.

Advogada – Ministro, eu...

Ministro – A senhora é valente, doutora.

Advogada – Mas... o café. Você me envenenou?

Ministro – Não sei do que está falando, doutora. A senhora deve ter tido uma alucinação antes do ataque cardíaco que sofrera no meu gabinete. Apenas isso.

Advogada – Não, ministro, você me contratou para vencer uma demanda e eu venci.

Ministro – Foi apenas um sonho, doutora.

O ministro caminha pelo palco em direção à coxia, preparando para deixar a cena.

Advogada – Ministro, eu a vi.

O ministro para de caminhar.

Ministro – Como?

Advogada – Eu a vi. Beatriz. Continua jovem e radiante como o senhor a conheceu.

O ministro se vira para a advogada.

Ministro – Ela ainda me ama?

Advogada – Ela salvou a sua alma, ministro. A alma que você prometeu a ela está salva, nunca pertenceu ao diabo, porque sempre pertenceu a ela. Pense no destino que você dará a essa alma de agora em diante.

Ministro [*emocionado*] – Você fez um excelente trabalho, doutora. Tome a sua maleta.

Advogada – Não quero. Dê o dinheiro a quem realmente precisa. Agora, dai-me licença que estou atrasada para o aniversário do meu filho. Nas palavras de Johann Wolfgang von Goethe: “Die Zeit ist kurz, die Kunst ist lang”.

Epílogo - Música tema corrigida

Todos –

A Advogada
Que nunca erra!
Viu Deus, o Diabo e depois voltou pra Terra

Ela é sábia
Ela é sagaz
Competente, deixa todos para trás

Imparcial
E destemida
Sua vida sempre foi muito sofrida

Formada em Oxford
Mestrado em Harvard
Em sua infância não comia queijo Roquefort

Inteligente

E dedicada
Para sua causa, ela é a indicada

O que parece impossível
Para ela é normal
É factível, que ela é paranormal

Ela usa calcinhas
E, abre aspas,
Usa xampu importado anticaspas

É feminina
E cordial
Ela até manda um cartão no natal

A melhor advogada
Ela quase nunca erra
Viu Deus, o Diabo
E depois voltou pra Terra

Viu Deus, o Diabo e depois
Voltou pra Terra.

*Fim. Apagam-se as luzes. Os atores voltam para o agradecimento.
Fecha-se a cortina.*